



EM DEFESA DA REVOLUÇÃO E DITADURA PROLETÁRIAS

4 MASSAS

ÓRGÃO BISEMANAL DA TENDÊNCIA PELO PARTIDO OPERÁRIO REVOLUCIONÁRIO

MEMBRO DO COMITÊ DE ENLACE PELA RECONSTRUÇÃO DA IV INTERNACIONAL

ANO XII - Nº 210 - DE 12 A 26 DE MARÇO DE 2001 - R\$ 1,00

Os governos municipais do PT e as greves nos transportes

Crise no governo FHC aumenta: Corrupção é denunciada por toda parte. Os partidos e gangues burguesas brigam. Mas o PT segue os capitalistas e não organiza a luta nacional de massa. Nada de seguir os bandos burgueses em disputa. A corrupção só pode ser julgada e punida pelos Tribunais Populares. Os explorados têm de preservar a independência de classe. E travar a luta nacional de massa pelo abaixo FHC e seu plano de fome.

**Novas manifestações
marcadas para os dias
07 e 20 de abril.**

**Sob a direção reformista,
serão outros "teatrões",
como o Fórum de
Porto Alegre.**

**Nada de "humanizar"
a globalização!**

**Pôr em pé a
FRENTE ÚNICA
ANTIIMPERIALISTA**



**130 anos da Comuna de Paris:
Primeira Revolução Proletária**

A crise capitalista obriga o movimento operário a responder. Ou se levanta e luta nacionalmente ou os capitalistas aumentarão a exploração

A crise do capitalismo e o novo governo ianque

Quinzena de luta do movimento operário

METALÚRGICOS
Patrões atacam os
trabalhadores contando com
o auxílio das direções sindicais
burocratizadas.

Depois dos governos do Estado e do Município saírem de cena nas negociações com a **Multibrás** (antiga Brastemp), para que ela ficasse em São Bernardo do Campo, a direção do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC tratou de correr atrás dos patrões nos Estados Unidos. No dia 01/03, Marinho encontrou-se com o presidente do comitê executivo do grupo Whirlpool (controladora da Multibrás), visando “convencê-lo” de que seria necessário prorrogar o prazo de fechamento da fábrica, previsto para 31 de julho de 2001, para haver mais tempo para a “recolocação” dos 1.050 trabalhadores que ficarão desempregados. A Whirlpool resolveu alterar o fechamento para fevereiro de 2002, isto é, “deu” somente mais 7 meses de prazo. E Marinho, que defendia pelo menos mais 2 anos, hipocritamente, voltou do encontro cantando vitória.

Está claro que a direção do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC fica implorando migalhas aos patrões e ilude os trabalhadores quanto à possibilidade de recolocação no mercado. Mas não para aí. No dia 05/03, juntamente com os religiosos, promoveu um ato ecumênico diante da fábrica, marcado pelo pacifismo, onde crianças entregavam pães aos trabalhadores. Neste ato, fez com que os metalúrgicos comemorassem o adiamento do prazo “conseguido” com a Whirlpool. Traiu descaradamente os trabalhadores, quebrando sua resistência, ao fazê-los aprovar em assembléia (logo após o ato) o fim da operação-tartaruga, que vinham realizando desde o anúncio de fechamento da fábrica. Para completar este quadro, a direção do sindicato está pensando em montar uma cooperativa dentro da fábrica (quando a Multibrás transferir a produção para Joinville), contando com a ajuda da própria empresa. Ao mesmo tempo, Marinho fala da possibilidade dos funcionários continuarem no local da fábrica, com “outras empresas, com outros formatos”.

A mesma linha de atuação a direção do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC

adotou em relação a empresa **Cutler Hammer**, unidade do grupo Eaton Corporation, instalada em Diadema, que anunciou fechamento da fábrica até junho, para concentrar a produção no Rio de Janeiro. A empresa pretende reduzir as 7 unidades instaladas no país para 4 (Mogi das Cruzes, São José dos Campos, Valinhos e Rio de Janeiro). Com a transferência da produção de Diadema para o Rio de Janeiro, dos 250 trabalhadores, cerca de 150 serão transferidos para o interior (se quiserem manter seu emprego) e 100 ficarão desempregados. Diante disso, a direção do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC se restringe a marcar reunião para “dialogar” com os patrões, possivelmente acreditando que conseguirá mais uma “vitória”.

Desta forma, a direção do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, ligada à CUT que, por sua vez, é ligada à corrente Articulação do PT, vai se aproximando da política direitista da Força Sindical, que defende a manutenção do capitalismo. Tanto é assim, que diante do anúncio de fechamento da fábrica de Campo Largo (PR), pela empresa Daimler Chrysler do Brasil, o que fez a Força Sindical? Correu atrás do governo federal para pedir ajuda, quando os trabalhadores demonstraram grande disposição de luta, ao decretarem inclusive uma greve no final de janeiro, contrariando a posição da central que queria uma manifestação pacifista.

A empresa **Daimler Chrysler** do Brasil fechará a fábrica de Campo Largo, porque a direção em Detroit, EUA, resolveu demitir 20% dos 26 mil funcionários em todo o mundo no prazo de 3 anos. A produção está parada desde o fim do ano passado (suspendeu-se a linha de montagem da picape Dakota). A empresa só não admite o fechamento definitivo, porque o governo paranaense, querendo se mostrar forte, ameaçou de ter de pagar R\$ 120 milhões em impostos, quando já lhe concedeu uma série de outros benefícios em 1998 (incentivos fiscais, terreno, infra-estrutura etc.). O destino dos 250 trabalhadores da Chrysler é incerto, mas a Força Sindical aguarda “conversa” com os patrões para encontrar uma “saída”.

A **Tower Automotive** (autopeças), instalada em Arujá, reinstalou o traba-

lho aos sábados. Isso porque quer acompanhar o aumento da produção realizado pelas montadoras sem ampliar a fábrica. Ou seja, não tem espaço físico e nem máquinas para concentrar mais trabalhadores durante a semana e não quer investir nada este ano. Resultado: aumenta a exploração sobre os 600 metalúrgicos da empresa. A direção do Sindicato dos Metalúrgicos de Guarulhos, ao invés de organizar os trabalhadores para resistirem a exploração da empresa, levantando a bandeira da escala móvel de horas de trabalho, quer que ela encontre uma “alternativa” para que se volte ao sistema antigo, onde os trabalhadores tem um sábado livre, mas trabalham no outro. Diante dessa ajuda do sindicato a empresa apresenta uma saída bem ao estilo dos patrões exploradores: para reduzir (não eliminar) o trabalho aos sábados quer permissão da DRT para reduzir o horário de almoço durante a semana.

A **General Motors**, ataca os trabalhadores em nível nacional. Anunciou para o dia 05/03 o programa de demissões voluntárias (PDV) para os cerca de 4 mil mensalistas de todas as unidades do país, ao mesmo tempo, em que aumenta os preços de alguns dos seus modelos de carros (o recém-lançado Celta e o Vectra Challenger ficaram 1% mais caros). Na **unidade de São Caetano**, já adiantou a primeira parcela do 13º salário, ao invés de reajustar o salário dos metalúrgicos de acordo com o custo de vida. Descontou 2 dias de trabalho do banco de horas, por conta dos dias pontes no carnaval. Promove o projeto FOCO (Formação com Competência) como se o problema da produção fosse culpa do trabalhador e não da crise do capitalismo, das condições de trabalho e do salário. Agora, mantém o aumento da jornada iniciado em meados de janeiro. Nesta ocasião, ampliou a jornada de 40 horas semanais para 44,5 horas. No dia 05/03, “reduziu” a jornada para 43 horas semanais dos 5 mil funcionários da produção e aumentou para 46 horas a jornada dos 267 fermenteiros, ou seja, não houve retorno à jornada de 40 horas e, no caso dos fermenteiros, houve mais aumento. Tudo o que a empresa faz, no entanto, conta com a ajuda e “parceria” da direção do Sindicato dos Metalúrgicos de São Cae-

tano. Em relação ao aumento da jornada (o último ataque da empresa), essa direção considera inclusive que houve uma redução. Na **unidade de São José dos Campos**, a GM também explora os metalúrgicos através de horas-extras, levando-os a reivindicarem pagamento de adicional de horas extras de 100%. A direção do Sindicato dos Metalúrgicos de São José dos Campos disse que, embora seja contra a hora-extra, porque não gera emprego, defende o aumento. Mas, essa direção tem se dedicado mesmo é a organizar as atividades para o carnaval.

Por outro lado, os trabalhadores reagem. Na **Ascetec** (indústria de ferramentaria), instalada em São Bernardo do Campo, os 50 trabalhadores entraram em greve no dia 08/03, devido ao atraso no pagamento dos salários por três dias. Ou seja, reagiram rapidamente aos desmandos dos patrões.

Como vimos, as empresas fecham as fábricas, demitem funcionários e ampliam a jornada de trabalho. Tudo isso, para manterem seu lucro. Os ataques dos patrões aos trabalhadores revelam uma opressão social. Ao mesmo tempo, todas essas empresas têm uma matriz estrangeira que definem seus rumos, o que revela a opressão nacional da nossa economia pela economia norte-americana. Portanto, a luta dos trabalhadores não pode estar atrelada ao governo, não pode partir da ilusão de que temos que eleger políticos mais "honestos", "mais preocupados com o país" etc., como querem os pelegos da CUT. Somente a luta conjunta dos trabalhadores oprimidos pode resolver este problema. Por isso, é necessário a unidade dos trabalhadores metalúrgicos, baseada no método da ação direta (ocupações das fábricas, greves, bloqueios de ruas e avenidas etc.), para tirá-los da defensiva e colocá-los na ofensiva dos capitalistas. Os proletários devem fazer isso levantando as bandeiras do controle da produção pelos próprios operários, pela escala móvel das horas de trabalho, pelo salário mínimo vital de R\$ 1.900,00, pela escala móvel de salários de acordo com o custo de vida.

CONDUTORES

Direção Sindical aborta movimento dos condutores

Os condutores de São Paulo, vêm enfrentando constantes atrasos no paga-

mento de seus salários, vale, vale-refeição e cesta-básica. Cerca de 80% das empresas não depositam o FGTS (algumas há 3 anos) e não recolhem o INSS. A Viação Geórgia, por exemplo, há 2 anos atrasava os salários; em meados de janeiro devia os salários de novembro e dezembro, horas-extras, vale de janeiro, segunda parcela do 13º salário e vales-refeições. Isso levou os 350 condutores da empresa a entrarem em greve em janeiro e solicitar a intervenção da Secretaria Municipal de Transportes na empresa, a qual ocorreu no final de fevereiro. Os condutores da Viação Cruz da Colina, após uma greve isolada que se encerrou no dia 15.01, não conseguiram receber nem mesmo os salários atrasados, receberam somente um vale de 40% do salário. Os condutores da Viação Nações Unidas, paralisaram o trabalho por 2 horas no dia 17.01 para receberem os salários atrasados. No final de janeiro, cerca de 1.800 condutores da Viação Jurema paralisaram o trabalho por 2 horas, porque a empresa lhes deu calote nas horas-extras. Os patrões atacam centralizadamente os condutores, mas devido ao imobilismo da direção sindical, estes reagiram com movimentos isolados, que pouco efeito tiveram na luta contra os patrões.

A direção do Sindicato dos Condutores de São Paulo, ligado à Força Sindical, mais preocupada com os interesses dos patrões, fez de tudo para não unificar o movimento. No dia 06/02, reuniu menos da metade dos condutores (cerca de 20 mil) numa paralisação que durou somente 1 dia, foi marcada pelo pacifismo e ainda se restringia a reivindicar o pagamento dos salários atrasados.

Somente agora chamou o conjunto da categoria (cerca de 52 mil) para uma paralisação a ser realizada no dia 06/03. Mesmo assim, de acordo essa direção, não se trataria de uma greve, mas de uma grande manifestação chamada "No Limite", que duraria apenas parte do dia. E que, inicialmente, tinha como objetivo principal chamar a atenção para a situação de sucateamento do transporte coletivo e não apenas conseguir o pagamento salário de fevereiro e os atrasados. Somente com o avanço do movimento, que se preparava para o dia 06/03, a direção sindical foi incorporando outras reivindicações na pauta, como a reposição da defasagem salarial acu-

mulada nos últimos quatro anos (de 41%) e aumento do vale-refeição (de R\$ 6,50 para R\$ 8,00), dando o primeiro passo da campanha salarial (data-base em março).

Inicialmente, os condutores fariam assembléias nas garagens da zero hora do dia 05 até as 5 horas da manhã do dia 06/03, daí até o meio-dia uma parte sairia em comboio pelas principais avenidas de todas as regiões da cidade e outra iria para o Parque Dom Pedro, onde todos se reuniriam ao meio-dia para uma assembléia. Mas, o comboio só iria utilizar uma faixa das avenidas "para não atrapalhar o tráfego" e depois da assembléia os condutores estariam liberados para retornarem ao trabalho. Na assembléia do dia 05/03, entretanto, o esquema apresentado até mencionava bloqueios das principais avenidas, mas somente até as 9 horas onde os condutores se reuniriam no Largo Paissandu e de lá iriam para a sede da Prefeitura realizar a assembléia até o meio-dia, depois retornariam ao trabalho e a greve só continuaria no dia 07/03 se as empresas não pagassem os salários.

De qualquer maneira a manifestação do dia 06/03 ia acontecer, podendo até tomar um rumo mais radicalizado. Só que na última hora, a direção do Sindicato dos Condutores de São Paulo traiu a categoria. Fechou um acordo com a prefeitura de suspender a paralisação sem mesmo consultar a base através de uma assembléia. Contentou-se com o "compromisso" da prefeitura de fazer mudanças no sistema de transporte coletivo e, mesmo se dizendo "contrário", aceitou o aumento da tarifa para R\$ 1,40, o que significa jogar o problema para a população.

A direção do Sindicato dos Condutores de São Paulo não aponta os lucros que as empresas de ônibus têm com os subsídios repassados pela prefeitura. Não mostra que os empresários diminuem a frota de ônibus e a sucateiam para lucrarem mais. Além disso, concorda com os patrões de que a culpa por não pagarem os trabalhadores em dia, por demitirem e pela "violência" sofrida pelos condutores é dos perueiros. Essa direção acredita tanto nessa mentira que passa a exigir o fim das peruas. Neste sentido, foi acertado com a prefeitura o reforço na fiscalização de peruas clandestinas, com o apoio da polícia militar,

além dos fiscais da SPTrans.

Os condutores devem lembrar que a origem dos perueiros está na elevação do desemprego geral e dos próprios condutores (redução da frota de ônibus e adoção de catraca eletrônica). Quando as empresas de ônibus recebiam de acordo com a quilometragem rodada, não im-

portando o número de passageiros transportados (governo Erundina), os capitalistas dos transportes não se incomodavam com os perueiros. À medida que a prefeitura passou a pagar pelo número de passageiros transportados (do governo Maluf até o de Marta), os capitalistas passaram a exigir a repressão aos

perueiros, porque aí sim eles começaram a lhes fazer concorrência. Ou seja, os patrões estão preocupados com o seus lucros, por isso, de um lado, atacam os perueiros e, de outro lado, atacam os trabalhadores. Para tanto, contam com a ajuda da prefeitura e também da direção do Sindicato dos Condutores de São Paulo.

Quinzena de luta do movimento camponês

Eleições na CONTAG: é preciso construir uma corrente revolucionária no seio do movimento camponês.

A CONTAG (Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura), criada nos anos 60, que conta com 26 federações, realizará eleição para a diretoria da entidade entre os dias 14 e 17 de março, durante o congresso que acontecerá em Brasília e conta com cerca de 2.200 delegados. Filiada à CUT, a entidade atualmente está sob a direção da corrente Articulação Sindical (PT), que pretende se reeleger. Concorre com ela, entretanto, sua antiga aliada, a Corrente Sindical Classista (PC do B), apoiada

pela Força Sindical. A concorrência entre ambas deve-se a uma cisão pela disputa aparelhista.

A Articulação Sindical (PT) e a Corrente Sindical Classista (PC do B) são correntes burocratizadas, que defendem uma "reforma agrária" através de assentamentos, desapropriações com indenizações, distinguem latifúndio produtivo de improdutivo e ainda defendem que esse processo se dê através de um governo democrático e popular, isto é, burguês. Ou seja, defendem uma política reformista que não se choca com o capitalismo, quando o problema da terra no Brasil está ligado a própria formação da sociedade capitalista, sobretudo da propriedade latifundiária.

O movimento camponês, precisa urgentemente formar uma corrente revolucionária que atue na Contag, defendendo a revolução agrária como parte da revolução proletária. Defendendo a destruição do poder da burguesia latifundiária, expropriando sem indenização e nacionalizando as terras expropriadas; permitindo o acesso à terra a todos os camponeses pobres; iniciando o processo de coletivização da produção no campo, apoiando-se na expropriação da agroindústria. Isso implica em uma aliança dos camponeses com o proletariado. O proletariado é a única classe revolucionária capaz de derrotar a burguesia e promover a revolução agrária.

8 de março - Dia da Mulher

O ato do dia 8 de março em São Paulo mostrou bem a decomposição e as intenções do reformismo petista e dos burocratas sindicais. Organizaram uma "homenagem" festiva, pequeno-burguesa, no dia em que se comemora a morte das operárias americanas. Vestidas com roupas lilás, bexigas e pompons, as mulheres dançavam nas escadarias do Teatro Municipal. Fizeram teatro, levantavam em coro as bandeiras contra o machismo e a violência. As mulheres do MST foram arrastadas pelo distracionismo burguês do PT. Com uma mão nas bandeiras vermelhas do MST e outra nas bexigas e flores, as reivindicações do MST, a exemplo da reforma agrária, como parte da manifestação nacional, não exerceram nenhum impacto em meio aos festejos. Para completar, os organizadores da passeata decidiram formar alas: contra o machismo, violência da mulher etc.

Está aí o retrato da política dos burocratas. Separam as reivindicações próprias da mulher do programa operário

pela emancipação geral dos oprimidos contra a exploração do trabalho, imposta pelo sistema capitalista. Por isso realizam atos despolitizados. Ao invés de elevar a consciência revolucionária dos trabalhadores, particularmente da mulher, rebaixam as reivindicações a uma cantarola contra os homens (machistas) e contra a violência que está sujeita a mulher. São incapazes de compreenderem a libertação da mulher de todas as mazelas de uma sociedade de classe só será alcançada com a destruição do sistema econômico. E que a luta das mulheres e a mesma dos homens pela sua emancipação contra todo tipo de opressão.

.....

Nessa semana que comemoramos os 130 anos da 1ª Revolução Proletária, a Comuna de Paris (18/março de 1871), o Partido Operário Revolucionário destaca, na vida de Louise Michel e Isabel Dimitriev, a luta das mulheres ao lado da

classe operária.

Louise Michel tinha pouco mais de 20 anos quando participou da Comuna de Paris e se destacou, nas barricadas, à frente de um grupo de operárias. Após a violência reacionária desfechada sobre as massas trabalhadoras, que culminou na morte e na condenação de milhares de operários, Louise, fisicamente aniquilada, mas com a moral revolucionária erguida, compareceu ao seu julgamento de condenação. Diante dos juízes declarou: "Não quero me defender, não quero ser defendida. Toda eu pertencço à Revolução Social". Foi deportada para a Nova Caledônia. A anistia de 1880 a trouxe de volta. Em 1882 foi presa e em 1883 foi condenada a 6 anos de reclusão. Carregou consigo até a morte a imagem de "incendiária da Comuna".

Isabel Dimitriev participou da Comuna e dirigiu o corpo feminino auxiliar, lutando nas barricadas. Ferida nos combates, refugiou na Suíça. O tribunal militar condenou-a a morte, à revelia.

Covas e o PT

A burguesia sabe muito bem usar a morte de seus líderes para comover as massas e fortalecer sua politicagem.

Num quadro de corrupção generalizada, as passadas acusações contra Covas foram relevadas e o homem foi canonizado como exemplo de moralidade, ética e austeridade. É como se tratasse do mais imaculado dos mortais, um antídoto e uma fortaleza contra o tráfico que perfaz as veias e os nervos do Estado burguês.

Outra faceta do governador: um democrata nato, que, como diz Lula, soube conviver com a diversidade. As brutais repressões aos movimentos, prisão de grevistas, opressão na Febem etc, fazem parte dessa convivência adversa.

Enfim, um exemplo de coragem até para enfrentar a doença fatal. Covas se destacou como um aguerrido militante da causa burguesa. Serviu à classe dos exploradores até depois de morto, permitindo que em torno de seu cadáver ungissem toda gama de políticos do capital.

O seu partido, PSDB, fez do funeral um canto de glória a um de seus mais iminentes representantes. Coube ao Presidente da República, que prepara seu sucessor, o discurso de despedida final: Covas continuaria presente.

O país, há muito, não via um funeral burguês tão fausto de lágrimas, elogios e lamentos pela perda de um homem tão valoroso aos interesses dos capitalistas. Afinal, não é toda hora que morre uma figura da classe dominante a qual se possa fazer tantos discursos, da direita à esquerda reformista, de Maluf a Lula, de Antônio Carlos Magalhães a Jader Barbalho, de Fernando H. Cardoso a Itamar Franco/Leonel Brizola, de Paulinho a Vicentinho, de José Rainha a Jungmann, e a qual se tivesse tanta comunhão de pensamento e sentimentos.

A nata burguesa reunida em torno da bandeira "Cova, um exemplo", amparada por uma gigantesca campanha publicitária, compareceu confortada pela grande "comoção" popular, pela classe média, moradores de bairros operários, favelados, que não se deram conta de onde vem tanta miséria, tanta opressão social. Com a profusão e efusão de lágrimas de ricos, remediados e miseráveis, de exploradores e explorados, a televisão, rádio, jornais, revistas montaram um cenário de "amor ao próximo", abençoado pela Santa Igreja, que não poderia deixar de manifestar sua opinião

política sobre a grandeza do homem bom, defensor da cidadania.

A biografia imortal

O que se falou de Covas na imprensa burguesa? Um político cassado pela ditadura e democrata vitorioso. Galgou todos os passos da administração estatal e se encontrava preparado a disputar a Presidência, não fosse a fatalidade (parece que os "bons" sempre morrem antes de completar a obra). Saneou as finanças do mais importante estado da União. Adversário leal e amigo dos reformistas. Defensor dos interesses nacionais. Patriota. Governador dedicado à reforma agrária do Pontal. Vida dedicada ao povo. Um governador democrático que foi agredido por radicais. Sintetizamos os principais traços desenhados pelos representantes ou lacaios da burguesia, na voz de empresários, banqueiros, políticos, religiosos, sindicalistas etc. Para os interesses dos exploradores, nada melhor do que essa pintura respingada de lamentos e lágrimas.

Mas a realidade biográfica do governador expressa virtudes e feitos compatíveis com a direção dos negócios gerais da classe capitalista. Assim, pode ser composta com traços que acomodem todos os protagonistas da política dos exploradores. Os lacaios, como Lula, Rainha, Vicentinho, Paulinho, Felício, têm um lugar na feitura dessa biografia, para dar um aspecto de realismo edificado acima das classes e superposto às frações burguesa, suas intrigas e seus desmandos. O biografismo burguês não passa de reflexos deformados da realidade e ideologizado.

O democrata Covas foi um dos violinos do governo FHC, entreguista, antipopular e corrupto. O dito saneamento de São Paulo resultou numa das peças da reforma pró-imperialista da administração federal. A aplicação de mudanças exigidas pelo FMI/Bird à educação pública não deixa dúvida sobre o traço reacionário do governo Covas.

Não é preciso desfiar o rosário de privatizações, no qual consta a entrega do Banespa ao capital espanhol.

Eleitoralmente, procurou reproduzir a mesma aliança que sustenta o governo FHC, incluindo o PFL, que chegou a ocupar cargo em sua administração. O democrata Covas, assim, se aliou à direita oligárquica, a mesma que serviu de base para o golpe militar e cassar mandatos.

Frente aos constantes escândalos de corrupção envolvendo altas esferas do governo federal e membros de partidos aliados, manteve-se equidistante, numa clara atitude de acobertamento.

Colocou a tropa de choque contra as manifestações da greve do magistério, usou de seu poder de governador para provocar e prender grevistas. Sob seu governo, foram inúmeros os despejos de moradores pobres com violência e mortes que lembram a ditadura militar, só que agora sob o véu da legalidade democrática.

A fome, o desemprego, as arbitrariedades patronais avultaram como resultado da crise capitalista e do programa antipopular de reformas.

É dever dos trabalhadores conscientes denunciarem os lacaios da burguesia

Que a burguesia faça comoção em torno da morte de Cova e procure enganar a população com a idéia de que esse tipo de político é merecedor de admiração dos oprimidos, não faz senão exercer seu domínio de classe. Mas que João Felício, Vicentinho, Paulinho, José Rainha etc coloquem a CUT, sindicatos e movimentos a serviço da ideologia e falsificações burguesas constitui um crime e atentado contra as massas oprimidas.

Essa atitude dos burocratas vendidos mostra o quanto as organizações da classe operária estão integradas ao Estado burguês e submissas à política dos burgueses ditos democráticos. E quanto ao movimento camponês é odiosa a bajulação de José Rainha. Ninguém mais do que os cabeças do MST sabe o quanto Cova protege os grandes proprietários de terra e o quanto acoberta o armamento dos latifundiários.

Não se trata apenas de baixo nível político dessa gente mas sobretudo de servilismo ao poder da classe capitalista. Não têm um pingão de independência político/ideológico. Servem de correia de transmissão do poder burguês para o interior das organizações operárias e camponesas.

Os trabalhadores terão de lançá-los ao lixo, varrê-los da direção. Na prática, já pertencem à lixeira do capitalismo.

Certamente, trata-se de uma tarefa que implica na elevação da consciência política, revolucionária, do proletariado. Eis a importância de construir o Partido Operário Revolucionário.

O modo petista de governar nº 5

Prefeitura do PT desmonta movimento dos condutores e intensifica a repressão sobre os perueiros

Diante da paralisação dos condutores de São Paulo marcada para o dia 06/03 qual foi a postura do governo de Marta Suplicy? A despeito dos diversos ataques que esta categoria vem sofrendo por parte dos patrões das empresas de transportes, a Prefeitura de São Paulo tratou de preparar o desmonte do movimento.

Com o velho argumento de que a paralisação pode causar um "caos" na cidade, a prefeitura petista, como um típico governo burguês, queria garantir a "ordem pública". Como afirmou o secretário dos Transportes, Carlos Zarattini: "diante de uma greve extemporânea como essa que, com certeza, prejudicará a população, os direitos do cidadão ficam em primeiro lugar. A segurança é primordial e cabe ao Estado assegurá-la". (Diário Popular, 05/03/01). Para tanto, disse que usaria a polícia se necessário. Assim, o governo do PT tentou se colocar "acima das classes", falando em nome do "cidadão paulistano", isto é, em nome de todos. Mas, como qualquer governo burguês, na verdade, fez uma opção pela burguesia e pela classe média, tentando preservar o "bem-estar" das mesmas e desprezando as necessidades dos trabalhadores oprimidos.

A prefeitura petista atacou os condutores dizendo não haver motivos para uma paralisação. Pois, já havia repassado R\$ 15 milhões (valor de fevereiro) às empresas de ônibus, o que seria o suficiente para o pagamento dos funcionários. O governo do PT só esqueceu que entre pagar as empresas e elas pagarem os trabalhadores tem uma grande diferença. Só neste ano, as empresas receberam R\$ 114 milhões de subsídios, no entanto, a própria Transub (sindicato patronal) admitiu que cerca de 15 empresas não têm previsão de quando pagarão o salário dos funcionários. Além do mais, de acordo com o Sindicato dos Condutores de

São Paulo, a liberação de R\$ 15 milhões não resolve o problema, já que cerca de 80% das empresas não depositam FGTS, não recolhem INSS e atrasam (além do salário) o vale-refeição e cesta-básica.

Como a maioria dos salários foi paga no dia 05/03 e os condutores mantinham sua posição de realizarem o movimento, Marta e Zarattini (secretário dos Transportes) trataram de qualificar o movimento de "político" e "provocador", porque se colocava "contra as diretrizes do governo municipal", como disse Zarattini. Para tanto, contaram com o apoio dos sindicalistas ligados à CUT, que acusaram o Sindicato dos Condutores de beneficiar as empresas para garantir-lhes subsídios maiores. Paulinho, da Força Sindical, rebateu as críticas do governo municipal dizendo que o movimento não era político e que o PT, sobretudo a Marta, não era contra a greve quando o Sindicato dos Condutores era dirigido pela Articulação Sindical (PT) e filiado à CUT. As duas burocracias brigam entre si.

É bom destacar que idéia de "greve política" como algo negativo (daí se usá-la como acusação) não passa de um artifício da política burguesa que pretende separar os problemas enfrentados pelos trabalhadores das ações tomadas pelos governos. Esta posição pretende mascarar a realidade: as greves são políticas quando se chocam com a política dos governos que defendem os interesses dos patrões.

No caso da paralisação dos condutores, a greve seria política à medida que denunciasses os lucros que as empresas de ônibus têm com os subsídios repassados pela prefeitura; à medida que mostrasse que os empresários diminuem e sucateiam a frota de ônibus para lucrarem com a cumplicidade da prefeitura, à medida que mostrasse que os patrões das empresas atacam os perueiros por-

que eles prejudicam este lucro e que para este ataque contam com o aparato repressivo e jurídico do governo municipal, à medida que defendesse a estatização das empresas de ônibus sob o controle dos trabalhadores; à medida que se unificasse com todos os trabalhadores para pôr abaixo os governos da burguesia que arrocham os salários e desempregam milhões com os seus planos de fome.

A paralisação dos condutores deveria defender fundo as reivindicações dos trabalhadores e combater os interesses dos empresários. Mas a postura do Sindicato dos Condutores de São Paulo, não tinha o objetivo de transformá-la numa greve forte. Daí Paulinho da Força Sindical negar que ela seria política. Na verdade, a pauta de reivindicações montada pela diretoria do sindicato nem se confrontava com "as diretrizes do governo municipal", mesmo que levantando o problema do transporte público sob a "responsabilidade" da prefeitura. E aí está o problema: tanto a direção do Sindicato dos Condutores de São Paulo como a prefeitura do PT se pautam por uma política de conciliação com a burguesia. A aparente divergência entre o governo do PT e a direção do Sindicato dos Condutores de São Paulo tinha por trás a disputa pelo aparelho sindical que antes estava sob a direção da corrente Articulação do PT e PCdoB e agora está sob a direção da Força Sindical. Nem o PT nem a direção do Sindicato dos Condutores de São Paulo estavam realmente preocupados com as necessidades dos trabalhadores condutores.

Tanto é assim que, no dia 05/03, a prefeitura se uniu com a direção pelega do sindicato contra os condutores. Desmontaram a paralisação prevista para o dia 06/03 em troca de medidas nada concretas para a categoria. O que a prefeitura fez de concreto foi estabelecer o au-

Milite no POR, um partido de quadros, marxista-leninista-trotskista. Discuta nosso programa.

CAIXA POSTAL Nº 01171 - CEP 01059-970 - SÃO PAULO

mento da tarifa para R\$ 1,40. Ou seja, em nome do "cidadão paulistano" gerou um aumento para a parcela trabalhadora do "cidadão paulistano" pagar, como reforço ao subsídio pago às empresas. Para os condutores restou apenas: reforço da segurança nos ônibus, negociação com empresários visando renovação da frota, aumento do número de faixas exclusivas para os ônibus; e intensificação da fiscalização de peruas clandestinas. Marta nem cogitou a possibilidade de mexer com o lucro dos patrões. Aliás, tem dúvidas se eles têm lucrado, pois diz estar aguardando estudo, dados sobre custos e lucros das empresas.

Se não bastasse o ataque aos condutores, a prefeitura do PT, quer impedir os perueiros de trabalharem. Um dos pontos do acordo fechado entre a direção do Sindicato dos Condutores e a prefeitura petista foi o reforço na

fiscalização de peruas clandestinas. Para isso, Marta, além de contratar mais 70 fiscais para SPTrans, colocou 50 policiais militares no combate aos perueiros. No próprio dia 06/03, foram apreendidas 7 peruas, no dia 08/03, foram 23. O objetivo da SPTrans é apreender 500 peruas por mês. A prefeita diz que a abordagem não é "truculenta". E diz ainda que há a "possibilidade" de integrar "parte" dos perueiros ao sistema de transporte da cidade, o restante terá que "... procurar outra atividade". Sua prioridade é o transporte de massa (ônibus). Deixa claro que "... não pode haver 15 mil ou 30 mil perueiros na cidade porque causa trânsito e os ônibus perdem passageiros." (Diário Popular, 09/03/01)

Assim, o modo petista de governar é contra o pleno direito de todos trabalharem, quando essa é única forma de lutar contra as máfias e gangues que vivem de

sua organização para viabilizar a propina e a corrupção de policiais, fiscais, parlamentares etc. O modo petista de governar é sim a favor dos patrões que querem a retirada das peruas das ruas e ganham rios de dinheiro com os subsídios públicos, embora ofereçam um serviço de péssima qualidade a população. Os patrões dos transportes saem vitoriosos dessa luta, pois já conseguiram convencer a direção do Sindicato dos Condutores e a prefeitura de que a culpa por não pagarem os trabalhadores em dia, por demitirem e pela "violência" sofrida pelos condutores é dos perueiros.

O POR, sempre contra qualquer forma de opressão aos explorados, apoia a luta dos perueiros, bem como a dos condutores. Defende a unificação de condutores e perueiros. Defende total liberdade de greve. Fim da repressão.

Rondônia

Chamado do Comitê contra a opressão social e política

O Comitê lançou uma carta aos sindicatos e movimentos organizados para discutir e unificar as lutas. Denuncia o governo Bianco por aplicar as medidas neoliberais no Estado de Rondônia, que têm trazido mais desemprego, cortes nos serviços públicos (saúde e educação) e miséria para as massas trabalhadoras.

O governador reduz ainda mais as verbas para a saúde e aumenta a superexploração daqueles que continuam no emprego. Bianco como os demais governadores cumprem a Lei de Responsabilidade Fiscal, que tem como essência o desemprego de parte do funcionalismo e o congelamento dos baixos salários. Não é por acaso que aumenta dia-a-dia o número de mortes nos hospitais, a exemplo

do que ocorre no Hospital e Pronto Socorro João Paulo II, onde a estatística mostra que há 4 óbitos por dia. O desemprego no Estado já levou companheiros a mortes prematuras, suicídios e a esmolar nas ruas.

Os trabalhadores clamam pela unidade e pela derrota da política governamental. Porém, enfrentam a resistência das direções burocratizadas que têm levado à divisão dos movimentos e às pressões inócuas ao Parlamento e à Justiça burguesa. O governo se aproveita do isolamento e da fragmentação para desmoralizar e golpear a parcela de trabalhadores combativa.

O Comitê parte da defesa da democracia operária. E chama para organizar a luta direta dos trabalhadores contra o

governo. Apóia-se no programa da classe operária, que tem como estratégia o fim do sistema de exploração do trabalho (capitalismo) e a instauração do socialismo. Parte das reivindicações mais elementares (emprego, salário, educação, saúde etc), combinando com a luta política contra o Estado burguês. Isso por compreender que o desemprego, a fome etc não serão erradicados nos marcos de uma sociedade de classe, onde uma minoria é proprietária dos meios de produção e se apropria de toda a riqueza produzida.

Com esses objetivos, o Comitê chama os explorados e oprimidos a participarem das reuniões e das manifestações aprovadas.

A perda salarial se resolve com luta

Dados do IBGE indicam que o salário médio em 2000 caiu 4% em relação ao ano anterior. E que a massa salarial foi reduzida em 2,4%. Isso significa que a burguesia explorou mais, ganhou mais e que os trabalha-

dores ficaram mais pobres. A política salarial do Plano Real conduz a perdas salariais. A sua imposição aos assalariados tem sido facilitada pela colaboração da burocracia sindical. Os burocratas que dirigem a CUT

abaixam a cabeça diante do governo FHC. Mantêm amordaçados os sindicatos. Se os explorados querem reverter essa situação e quebrarem o arrocho terão de organizar as greves, saírem às ruas.

Assembléia da Vila Real diz não à intenção da Prefeitura em demolir suas casas

O ex-prefeito Pitta moveu uma ação de desocupação de moradores de Vila Real, envolvendo cerca de 900 famílias. Isso obrigou a defesa da moradia. Uma manifestação em frente à Prefeitura iniciou o movimento de resistência à ordem judicial de despejo. Entrou o novo prefeito, agora do PT, e o problema permaneceu.

A ameaça de perder suas casas tem oprimido as famílias trabalhadoras, que na grande maioria sobrevivem com baixos salários e carregam o peso do desemprego. A luta, agora, continua sob a Prefeitura do PT.

Contando que o Secretário da Habitação iria na Vila, o comitê de defesa da moradia convocou uma assembléia popular.

O que se passou na Assembléia

Os organizadores da Assembléia explicaram que não deveriam esperar de braços cruzados para que o Secretário de Habitação de Marta Suplicy resolvesse o problema. É necessário que o povo unido se mobilize contra a ordem judicial de desocupação.

Afirmaram que não poderiam sair de onde tem suas casas, seus filhos a escola, creche, tão necessários para as famílias pobres. Rejeitaram a idéia da administração petista transferi-los para um galpão, para depois cumprir a promessa de uma nova moradia, que não se sabe se viria ou onde seria.

Contra o laudo que diz que se trata de uma área de risco, sujeita a desabamentos, uma oradora disse que a Prefeitura tem todos os meios para resolver o problema. E a Vila se disporia a ajudar no que fosse possível para encontrar rapidamente a solução dos perigos. O maior dos riscos é perder suas casas e se tornarem famílias sem teto.

Assim, foram colocados três pontos à Assembléia:

- Defesa da moradia a todos com permanência no local;



- Exigir da Prefeitura obras na Vila que resolvam o problema dos riscos;
- Colaboração coletiva dos moradores para resolver internamente o problema.

Diante do anúncio de um assessor regional de que o Secretário da Habitação não mais viria na quarta-feira, com a justificativa de que estava muito ocupado, a Assembléia aprovou uma passeata com bloqueio de rua.

A presença de um assessor petista para defender a liminar do Pitta

O assessor presente, ligado à regional da Freguesia do Ó, ex-organizador do movimento contra Pitta, se queimou porque um dos oradores disse que agora era hora de ver o que a prefeitura do PT iria fazer. O tal assessor teve a petulância de dizer que o terreno sobre o qual se havia construído as moradias não pertenciam aos moradores da Vila e o melhor seria aceitar a transferência para um lugar provisório e depois para um tipo Singapura.

Justificou que o Orçamento da Prefeitura estava todo comprometido esse ano, por isso a Prefeita não podia resolver o problema de uma vez. Aconselhou os moradores a procurarem a Igreja para que esta os orientasse o que fazer. Atacou a presença de um militante solidário e fez ameaças veladas.

O mesmo senhor que conseguiu ônibus para levar os moradores para o portão da Prefeitura de Pitta e que se dizia contra o despejo, agora vem com a mes-

ma solução violenta de Pitta e ataca a organização independente e de luta dos moradores. Sem dúvida, esse cabo eleitoral tem sua vida resolvida e agora pode pisar naqueles que um dia se colocou a defender segundo intenções eleitorais.

Toda conversa sobre incluir os excluídos do PT se esfuma diante da situação concreta da opressão capitalista. Os oportunistas querem é se incluir nos benefícios da política burguesa, usando a miséria do povo. Depois de incluídos, passam a trabalhar abertamente para os opressores.

A bandeira dos explorados: defender a moradia é defender nossas vidas.

O Comitê de Defesa da Moradia de Vila Real tem claro que ou arregaçam as mangas e organizam um amplo movimento popular ou perderão suas casas. A tarefa é organizar dia e noite os moradores e elevar sua compreensão do problema.

Os pobres e explorados mal conseguem ter um teto, vivendo em condições extremamente difíceis, e lá vem a Prefeitura dizer que o terreno não lhes pertencem e que suas vidas estão em risco. É assim que funciona a sociedade formada, de um lado, por uma minoria burguesa rica e, por outro, uma maioria que mal tem onde morar e o que comer. E para agravar uma parte é jogada na rua, tornando-se sem-teto.

Contra isso, nossa bandeira é: Prefeita Marta não sairemos de nossas casas, vamos resistir e defender nossas vidas com luta.

Os militantes do POR se dispõem a ajudar os explorados a vencerem os exploradores. Onde houver luta contra a opressão capitalista, o POR se põe a trabalhar pela organização independente dos trabalhadores. Assim, o movimento operário e popular se fortalecerá e construirá as direções revolucionárias nascidas da luta de classe.

Professores/SP

Desemprego, superexploração do trabalho e congelamento dos salários

O governo continua impondo as medidas de cortes de gastos com a escola pública. São milhares de professores desempregados, salas de aula superlotadas e miséria salarial. As condições de trabalho são insuportáveis, com um número elevado de professores tendo de correr de escola em escola para não ficar desempregado. Outros, já habilitados, mas que não conseguiram nenhuma aula. E outros milhares que se viram obrigados a trabalhar como diarista, são os eventuais. Ganham pouco mais de 4 reais por hora-aula e só recebem a aula ministrada. Para cumprir a Lei de Responsabilidade Fiscal (LRF), os governadores fecham escolas/salas de aula, criam os tele-cursos para reduzir os já mínguaos recursos à educação pública.

A morte de Covas não significou o fim dessas medidas. Ao contrário, Geraldo Alckimin irá cumprir a função as determinações de FHC/FMI. Todos os governos, inclusive os petistas, governam contra o ensino público e gratuito a todos. Colocam-se como executores das diretrizes neoliberais, que se traduzem para os trabalhadores em desemprego, arrocho salarial e aumento da exploração do trabalho.

Burocratas sindicais estão mudos diante da ofensiva governamental

Há direções que são abertamente favoráveis à reforma privatista da educação. Outras, como da Apeoesp, dizem que são contra e denunciam (no papel) o "autoritarismo" das medidas. Mas na verdade se calam diante das filas de atribuição de aula

e da condição de miserabilidade do professorado. E vivem anunciando as "glórias" obtidas nas negociatas com os deputados. Tudo uma balela, porque no dia seguinte tudo se desfaz. Veja o exemplo do bônus para os aposentados: disseram que obteve vitória e, uma semana depois, tudo não passava de um engano. Em várias reuniões regionais, o professorado protestou contra a paralisia e votaram pela convocação imediata de assembléia estadual para aprovar o caminho da resistência. Os burocratas nem resposta deram. Preferiram esperar a metade de março para convocar uma reunião com representantes de escola, quando o desemprego já está consumado.

Certamente a comoção social criada pela rede Globo com a doença de Covas e depois com a morte atingiu os sentimentos dos burocratas vendidos. Ficaram o tempo todo de luto. Agora, é bem provável, que darão uma trégua para o recém-empossado Alckimin. Enquanto isso, o professorado cada vez mais fica descredulado do sindicato. Acaba confundindo direção burocrática com o sindicato, organismo de luta dos trabalhadores.

Diretoria convoca reunião do Conselho de Representantes (CR)

O CR é uma instância controlada pela diretoria. Os conselheiros, na sua grande maioria, pertencem a corrente Articulação/PT. Por isso, as propostas das regionais que contradizem à política da diretoria são rechaçadas pelo conselho. Trata-se de um organismo burocratizado, que serve unicamente para referendar aquilo que a diretoria já está implementando.

A corrente proletária na educação participa do conselho para fazer a luta política em defesa da democracia operária e denunciar as negociatas do cúpula e defender o método da ação direta e a unidade dos trabalhadores contra o governo e o sistema de exploração do trabalho.

Nossas propostas e nosso método

Defendemos a convocação de assembléia estadual para discutir e aprovar o caminho da luta. Chega de negociatas! Chega de conversa mole de deputado! Organizemos, desde as escolas, a resistência às medidas de destruição da escola pública! Aproveemos o método dos trabalhadores (manifestações de rua, ocupações, bloqueios e a greve) contra as pressões distracionistas (abaixo-assinado, mandados judiciais, visita aos deputados etc), próprios da burguesia. Exijamos que o dinheiro dos associados seja gasto unicamente com a luta e não como fazem os burocratas. Reivindiquemos que o desconto da Apeoesp seja de uma hora-aula. Lutemos para impor:

- a redução da jornada de trabalho (sem redução de salário, ao contrário, com reajuste salarial) para que haja emprego a todos.

- reajuste imediato de salário, que nenhum professor ganhe menos do que R\$1900,00 reais;

- contratação imediata de todos os professores, fim da condição de professor-eventual;

- fim da farsa do bônus e da avaliação por mérito;

- defesa da escola pública, gratuita, laica, autônoma e vinculada à produção social.

Eleições do Sinte-RN - Aprofunda a luta aparelhista no sindicato

A eleição para direção estadual do SINTE contou com a disputa entre duas chapas: Chapa 01 REFAZENDO O SINTE, composta pelo reformismo PT e stalinismo Pcdob; Chapa 02 "Oposição para mudar o Sinte antes que seja tarde", composta pelo PSTU, ASS e parte da antiga direção que rachou às vésperas da eleição.

Na atual situação em que se encontram os trabalhadores, onde o governo tanto federal como estadual e municipais implementam toda política de reformas, rebaixamento de salários, etc., é necessário compreender o papel das direções sindicais e como atuam nas eleições. O papel dos sindicatos na conjuntura de crise do capitalismo só pode ter duas posições: ou organiza a classe explorada para destruir o capitalismo através dos seus métodos próprios, ou serve de correia de transmissão dos exploradores, através da conciliação de classe.

A chapa 01 atual direção do Sinte, durante todo processo de reformas educacionais feita no estado e municípios trabalhou pelo esfacelamento da luta, no mesmo instante em que o governo implementava o PDE, Ciclo Básico, PCN's etc. reformas que fazem parte do ataque aos trabalhadores. Na greve, canalizou toda luta para os parlamentares do PT, amortecendo a luta que já tinha a adesão dos pais e alunos.

Para dar continuidade a política de conciliação, o Sinte realizou o X Congresso que foi marcado pelo alto grau de burocratização da direção quando não se aprofundaram as discussões políticas e não tirou um plano de luta que tivesse como eixo a unidade de todos os setores oprimidos para fazer frente as reformas neoliberais ditadas pelo FMI/Banco Mundial. Pelo contrário, o Congresso foi utilizado para diminuir a democracia interna e centralizar mais poderes nas mãos da burocracia degenerada.

Para manter-se na direção, o PT e o Pcdob utilizaram métodos estranhos à classe trabalhadora, não se diferenciando dos métodos utilizados pela burguesia nas suas eleições. Desde o uso da

máquina sindical, redução do número de votantes, até a votação de diretores por mais de uma vez. Para dá continuidade à política de contenção do movimento e manter-se na direção a burocracia fraudou a eleição.

A Chapa 02 (PSTU/ASS/racha da direção) não se diferenciou das propostas da direção estadual. Seu programa continha mais às questões administrativas do sindicato do que questões dos trabalhadores em educação. Para avaliar a postura do PSTU na composição da chapa, é só recorrer-mos ao congresso, onde parte da antiga direção, que por questões aparelhistas rompeu, aliaram-se ao PSTU e o que é pior sem base a um programa. No Congresso, esse grupo defendeu que o sindicato não deveria contratar mulheres grávidas, usando o mesmo argumento da burguesia. Além disso, defendiam abertamente um sindicato com uma frente ampla desde PFL/PT/PSTU e outros defendiam que o sindicato não tivesse a participação de partidos.

Isso só comprova em que base foi montada a Chapa 02. As alianças entre PSTU e ASS não deixam de ser aparelhistas, pois é só lembrarmos da posição da ASS no Cecut, que para não contribuir para que o PSTU tivesse a maioria na direção da CUT, rompeu toda aliança que vinham fazendo. Em Ceará Mirim, para conseguir uma grande quantidade de votos o PSTU visitou cidades da regional onde não tem nenhum trabalho realizado (Pureza/Ielmo Marinho/Touros). Qual a diferença com a atual direção do Sinte estadual?

Para onde caminha o PSTU?

Para pôr abaixo as direções traidoras do movimento, a exemplo da direção estadual do Sinte, devemos confiar tão somente nos trabalhadores. Toda falcatrua encontrada no último processo eleitoral deve ser julgado pela categoria. Recorrer a intervenção da justiça burguesa dentro do sindicato é violar a democracia operária e transferir poderes àqueles que nos oprimem. Os revolucionários de-

vem fazer uma denúncia política da burocracia apodrecida para impor a esta uma derrota política dentro do movimento social. O PSTU recorreu a

justiça burguesa para que intervisse no sindicato e apurasse a fraude e anulasse a eleição. Que explicação terá o PSTU para

tamanha submissão a ordem burguesa? E ao mesmo tempo soterra a democracia operária.

O método revolucionário de luta

Para derrotar a direção é preciso que os trabalhadores tenham claro que a mesma se constitui hoje numa trava a luta dos trabalhadores em educação contribuindo assim, para a opressão social. Como se vê, só uma oposição revolucionária (programa revolucionário) levará as massas a compreender o papel político do reformismo (PT/Pcdob) e varrê-lo do cenário histórico. Qualquer chapa de oposição que negue esse princípio significa que não estaremos avançando nesse processo e sim construindo uma nova burocracia.

A Corrente proletária na Educação/POR defende que a categoria discuta amplamente as irregularidades existentes na última eleição e venha a deliberar sobre o sindicato. Que crie comissão de base escolhida em assembléia para investigar a fraude nas eleições. Somos contra qualquer intervenção da justiça burguesa dentro do sindicato. Os trabalhadores são capazes de decidir quando prevalece a democracia operária, ou seja, a mais ampla discussão!

Abaixo a burocracia, pois essa trava a luta da classe trabalhadora com sua política de conciliação!

Abaixo as reformas educacionais dos governos submissos ao FMI/Banco Mundial!

Defesa da escola pública gratuita, laica, autônoma e vinculada à produção social!

Não a intervenção da justiça burguesa no Sinte!

Viva a independência de classe!

Mossoró (RN)

Lançado o número 1 da Corrente Proletária na Educação

O boletim informativo da regional de Mossoró surgiu como instrumento de luta na greve da UERN. Seu editorial diz: "o objetivo do Boletim da Corrente Proletária na Educação é de constituir um elo de comunicação imediata com os trabalhadores sobre seus pontos de vistas e avaliações dos movimentos para dirigir-los em prol da Revolução

**BOLETIM INFORMATIVO DA
CORRENTE PROLETÁRIA NA EDUCAÇÃO**

ÓRGÃO DA CORRENTE PROLETÁRIA NA EDUCAÇÃO, ANO I, NÚMERO 1, FEV. DE 2001, PÁG. 01-10

Proletária".

Neste número, temos artigos dedicados ao movimento grevista, à crítica ao reformismo e à formação política. Verifi-

camos a preocupação dos militantes poristas em responder os problemas concretos da luta de classes e divulgar o programa partidário.

Por que o POR sofre ameaça na assembleia

Em uma das assembleias dos professores da UERN, um reacionário professor de filosofia defendeu que fosse proibido se falar em nome de partido político, referindo-se à atuação do POR, e propôs que se rasgasse o panfleto da Corrente Proletária na Educação.

O mentecapto argumentou que ali estava a categoria e não um partido político. Pretendeu com isso levantar a velha bandeira do apoliticismo. Os militantes petistas e estalinistas (PCdoB) ficaram bem quietinhos. Ocorre que procuram se dissolver partidariamente no movimento coletivo dos trabalhadores para melhor ludibriar com suas posições conciliadoras, como se fossem de indivíduos e não de partidos políticos.

Mas a ira do professor de filosofia se justifica pela posição do POR em defender radicalmente o método grevista e a

unidade entre trabalhadores da educação e estudantes. Os conciliadores pretendiam uma greve fajuta, quando ainda a maioria estudantil não estava presente para se soldar a unidade contra o reitor. Por outro lado, a direção da ADUERN, colocava-se pelo rebaixamento da reivindicação salarial, quando a perda atingia 216%. O POR denunciou a conduta daqueles que queriam reivindicar migalhas.

Nossos adversários no interior das assembleias e da greve nos combateram com o argumento de que é diferente a greve dos professores da UERN e dos operários. Isso para convencer os grevistas de que deveriam se comportar como membros da classe média (pequena burguesia), não radicalizando o método grevista, que de fato é próprio da classe operária. Justamente a utilização apro-

priada da forma grevista da classe operária no movimento docente era a condição para quebrar o brutal arrocho. O POR atuou nesse sentido. É claro que teve de combater as manhas do reformismo petista e estalinista, chocando-se abertamente com a condução conciliadora da greve.

A proposta de proibir e de rasgar os panfletos do POR nos honrou. É nestas situações que a defesa da democracia operária se torna mais importante arma contra a reação. Aqueles que ficam gritando que a greve em professores é diferente da greve operária, para defender o conservadorismo pequeno-burguês, não só são incapazes de assegurar a democracia sindical como se calam diante de um ato de totalitarismo, como foi o do mestre em filosofia.

COMO FOI QUE A CORRENTE PROLETÁRIA CHEGOU AO ÍNDICE DE 216% DE PERDAS SALARIAIS PARA OS PROFESSORES DA UERN

A Corrente Proletária participou da Comissão escolhida em assembleia da categoria para realizar o estudo das perdas salariais em março de 2000.

As perdas salariais chegaram a 261,95%, conforme índice do DIEESSE. Descontando aumento de 12 e 30% que a categoria teve no ano passado, as perdas caem para 216%.

QUADRO DE ÍNDICES DAS PERDAS SALARIAIS - PROFESSORES DA UERN

PERDAS/ÍNDICE	DIEESSE	FUND. GET. VARGAS
Jun/94 A Març/00	261,95%	185,24%
Só Com O Plano Real	140,16%	96,43%
Descontando Aumento De 12 E 30%(em cima de 140%)	94,56%	50,83%
Descontando aumento de 12 e 30%(em cima de 261%)	216,35%	139,64%

A Comissão, no entanto, resolveu propor para a categoria a defesa do menor índice: 50%. Numa clara posição de derrotismo e prostração diante dos índices da burguesia (Fundação Getúlio Vargas). A Corrente Proletária se contrapôs a esta posição, pois o papel da Comissão não era de propor um índice mas de calcular as perdas.

A Corrente Proletária convoca os professores da UERN para defenderem a luta pelo verdadeiro índice de nossas perdas. Para isto é preciso desmascarar a direção da ADUERN que ludibria e engana a categoria. Ou seja, organizar a Oposição Revolucionária.

Por um CA livre do reformismo

O Centro Acadêmico de Ciências Sociais (CACS) da PUC-SP foi e está sendo dirigido, nos últimos anos, pelos reformistas. Reformismo é a política de colaboração de classe e de ilusão nas possibilidades da democracia burguesa. Não é por acaso que CA não tem passado de instrumento eleitoreiro do PT e seus aliados. Usando a tática das negociações, que consiste em obter migalhas, o reformismo amortece as lutas e paralisa as organizações dos explorados. Assim, arrastam milhares de operários e estudantes para as ilusões democráticas, pela via do eleitoralismo.

Pois bem, esta é a mesma tática usada pelos cabos eleitorais do PT, que hoje dirigem o CACS. Nesse período, não foram capazes de organizar e dirigir uma ação contra os ataques e desmandos da Reitoria contra os estudantes. A defesa dos inadimplentes (como são chamados os trabalhadores que não podem pagar a faculdade), para não serem excluídos da

escola, tem se dado de forma individual. A Reitoria pressiona os estudantes que possuem a bolsa restituível a transformá-la em financiamento de estudo (como casa própria) pela C.E.F, com todo seu aparato burocrático (renda comprovada, fiador etc) e o centro acadêmico só tem assistido tais absurdos.

A direção do CA só se mostra aos estudantes em época festiva; quando querem o voto para algum deles viajar com a verba do CA. Para passeios estudantis, que eles chamam de encontro de estudantes de história, ou qualquer outro motivo escuso. Está, portanto, longe de exercer seu papel de organizador frente aos estudantes.

A direção reformista quando perdeu o CA, na penúltima eleição, para uma coligação organizada pelo PSDB, mostrou-se admirada dos estudantes elegerem tal posição. Mas a chapa do PSDB era tão débil e ridícula que acabou abandonando a direção do CA, o que permi-

tiu que os reformistas retomassem o posto. Aí, os reformistas tiveram fôlego para instalar uma assembléia para dar ares de que o CA seria recuperado pelos próprios estudantes. Logo ficou claro que se tratar de montar a tempo o circo eleitoral das municipais. Na eleição extraordinária, quase a perderam para uma paródia de chapa-oposição, formada por um único membro.

A fraqueza dos órgãos estudantis, com suas direções oportunistas, são reflexos da política burocrática e corrompida do PT, nas suas mais distintas correntes internas, que vai de O Trabalho à Articulação.

Essa situação demonstra a profunda crise de direção do movimento estudantil, dominado pelas correntes do reformismo e do estalinismo. Nossa obrigação é de trabalhar pela constituição de uma fração revolucionária entre os estudantes, que expresse o programa da revolução e ditadura proletárias.

Fortaleza-CE

Comitê contra a Opressão Social e Política

O Comitê aprovou reuniões quinzenais. Com uma cartaz: "Em defesa das ocupações no campo e na cidade! Todo apoio aos sem-terra e sem-teto, o comitê chamou uma reunião para o dia 24 de fevereiro.

O Comitê tem como objetivo apoiar e organizar os movimentos contra as medidas governamentais, que só têm trazido mais desemprego e miséria para as massas trabalhadoras.

Participe das atividades e venha construir esse organismo de luta e resistência dos trabalhadores explorados.

Icó - Ceará

Debate sobre a reforma privatista do governo

A Corrente Proletária na Educação realizou um debate sobre a reforma educacional imposta pelo grande capital (FMI/Banco Mundial). Tem como essência a redução da grade curricular, PDE, LDB, Tele-salas, tudo com o objetivo de reduzir os gastos com a escola pública e livrar o Estado da tarefa de sustentar financeiramente o ensino gratuito.

Esse debate visa avançar nossa luta para derrotar a reforma governamental.

**Em defesa das
ocupações no
campo e na cidade!**

**TODO APOIO AOS SEM-
TERRA E SEM TETO!**



**Comitê Contra a
OPressão Social e
Política**

Participe do Comitê contra a opressão social e política
Reunião quinzenal CHUECE 24/02 sala 31. 17h

Comemoração dos 130 anos da Comuna de Paris

O Partido Operário Revolucionário realizou no dia 4 de março, em São Paulo, um debate sobre a Comuna de Paris. Foram feitas três exposições e em seguida o debate.

A primeira foi sobre a história da Comuna - o período de 1848 até após 28 de maio de 1871. Destacou-se: a) a luta da classe operária em junho de 1848 e a violência desfechada pela burguesia para aniquilar as idéias revolucionárias; b) as características da burguesia francesa - as duas facções (Orleans e Borbons) restauracionistas da monarquia e o Partido da Ordem; como aglutinador dos interesses dessa classe; c) a república burguesa e o crescente poderio militar e político de Napoleão; d) o golpe de 1851 de Napoleão e a criação do império (ditadura bonapartista); e) a Associação Internacional dos Trabalhadores (1ª Internacional) e os socialistas franceses - influência das idéias de Proudhon e Blanqui; f) a guerra de Napoleão com a Prússia (Bismarck) e as derrotas francesas; g) a queda do império (setembro de 1870) e a formação do governo de "defesa nacional" (unidade nacional); h) os revolucionários e o governo de unidade nacional; i) a submissão desse governo às imposições de Bismarck; j) a exigência de desarmamento das massas trabalhadoras; l) a resistência e a fuga do governo de Thiers para Versalhes; m) as eleições para a Comuna em 26 de março; n) as principais medidas tomadas pela Comuna, como a liquidação do exército permanente e da polícia, unificação do poder legislativo com o executivo, eleição de todos os cargos, limite do salário, destruição da burocracia do Estado, ensino público, gratuito e laico etc; o) a contra-revolução organizada por Thiers, com apoio de Bismarck; p) a semana sangrenta - 21 a 28 de maio de 1871.

Principais conclusões: a) a classe operária estava sob a influência das idéias de Proudhon (anarquistas) e de Blanqui (que defendia a ação organizada de um grupo, altamente preparado, que pudessem arrastar as massas para a revolução). O socialismo científico de Marx e Engels tinha pouca presença na França; b) as

contradições que surgiram no seio da comuna, fruto do estágio em que se encontrava os revolucionários franceses; c) a ausência do partido revolucionário na França e o pouco tempo de existência da Internacional; d) a posição do blanquismo de apoiar o governo de "defesa nacional", burguês; f) a posição de Marx sobre a traição desse governo e a necessidade da classe operária se libertar (pelo socialismo) do domínio da burguesia; g) a caracterização de que a burguesia para governar necessita desarmar o povo; a conclusão de Lenin de que a Comuna tentou combinar o patriotismo (nacionalismo) com o socialismo, o que foi um dos grandes desastres.

A segunda, centrou: a) no caráter do Estado. A Comuna e o sufrágio universal (eleições) para a escolha de seus membros. A utilização do sufrágio universal quando o povo está armado e não como instrumento da democracia burguesa; b) O Estado na Revolução Russa, como a ditadura do proletariado; c) o conceito de ditadura democrática (Kautsky) e a ditadura do proletariado; d) a ditadura do proletariado como forma de esmagar a contra-revolução burguesa e as contradições do governo comunal diante da contra-revolução.

A terceira, foram as conclusões de Marx, Engels, Lenin e Trotsky: a) a ausência do partido; b) a violência da burguesia (violência reacionária) e a violência revolucionária das massas; c) a Comuna como sendo a 1ª revolução proletária; d) a fraqueza da Comuna por não ter instaurado a ditadura do proletariado, expropriado a burguesia e estendido a guerra civil imediatamente à tomada do poder em Paris a Versalhes, onde Thiers se refugiou para organizar a contra-revolução; e) a unidade burguesa europeia contra a Comuna, a reconciliação entre a burguesia francesa e a prussiana para esmagar o proletariado revolucionário.

O debate acentuou a importância da atuação da Associação Internacional dos Trabalhadores (1ª Internacional), sob a

direção de Marx e Engels, que permitiu avançar a elaboração da teoria da revolução proletária. A tomada do poder pelas massas comprovou os fundamentos do Manifesto do Partido Comunista de 1848. Entre eles, que o proletariado é a classe capaz de derrotar a burguesia pelo método revolucionário (luta de classe). O levante insurrecional e o armamento da população oprimida se converteu em tomada do poder. Esse é um aspecto central do programa e da teoria da revolução proletária, concebidos já no Manifesto. Pela negativa, a Comuna também confirmou o essencial do programa marxista. Não basta o proletariado chegar ao poder, é necessário que sua hegemonia de classe seja imposta à contra-revolução. Trata-se da necessidade de constituir a ditadura de classe do proletariado para liquidar o poder de resistência da burguesia e desenvolver as tarefas de expropriação e coletivização da propriedade privada dos meios de produção. A direção política e ideológica da Comuna, embora tenha tido o mérito de implantar as mudanças democráticas que a burguesia já não poderia cumprir, não foi capaz de instituir a ditadura do proletariado. Deu um passo importante que foi o de estabelecer um governo da classe operária, que, como mostra Marx, era "a forma política afinal descoberta para levar a cabo a emancipação econômica do trabalho". "Mas a classe operária não pode limitar-se simplesmente a se apossar da máquina do Estado tal como se apresenta e servir-se dela para seus próprios fins" (Guerra Civil na França).

A imaturidade do proletariado francês não permitiu que tivesse à frente da revolução um partido munido da estratégia da ditadura do proletariado e das tarefas de expropriação da burguesia. Como a primeira revolução proletária, trouxe lições programáticas, políticas e táticas inestimáveis para a segunda revolução, que foi a de 1917, na Rússia. No Brasil, estamos empenhados em construir o partido marxista-leninista-trotskyista, o que nos obriga a assimilar as experiências do proletariado internacional.

PARTE V: Os Métodos de Luta do Movimento Operário Brasileiro

A história do movimento operário se caracterizou por dois métodos de luta distintos: o método da ação direta e o método de conciliação de classes.

O método da ação direta visa o confronto aberto dos operários com os patrões (greves, piquetes, bloqueios de ruas, manifestações etc), arrancar as reivindicações necessárias à sobrevivência dos trabalhadores (aumento salarial, melhores condições de trabalho, diminuição da jornada, regularização do trabalho da mulher e do menor etc). Este método é próprio da classe trabalhadora, pois ao se confrontarem com os patrões por reivindicações econômicas (salários) os trabalhadores elevam seu grau de consciência de classe. Vão percebendo que suas reivindicações não são atendidas porque se chocam com os interesses dos patrões que querem lucros cada vez maiores. Assim, transformam as reivindicações econômicas em políticas: lutam contra a existência da sociedade burguesa e de seu Estado (burguês).

O método da conciliação de classe, procurando evitar conflitos entre operários e patrões, promove acordos e negociações com estes, em nome dos trabalhadores, para frear a luta de classes. Seus seguidores defendem a possibilidade de convivência pacífica entre as classes, tornando-se um elo de ligação entre os interesses dos patrões e dos operários. Defendem que as relações entre estas classes antagônicas podem ser resolvidas na medida em que se adote leis mais "justas", que concilie estes interesses. Ou seja, para os que adotam este método de luta basta reformar o sistema e os conflitos desaparecerão.

Na fase embrionária do movimento, os operários brasileiros travaram lutas encarniçadas contra os patrões por melhores condições de vida e salários, enquanto os patrões visavam ampliar seus lucros em cima da exploração destes. Para os patrões, as reivindicações dos operários era um caso de polícia. Por isso, a qualquer manifestação promovida pelos operários agiam com intensa repressão policial, prendendo e assassinando muitos manifestantes (ho-

mens, mulheres e crianças).

Por sua vez, o governo que supostamente deveria zelar pelo "bem-estar" dos "cidadãos", apoiava incondicionalmente as ações repressivas dos patrões. Toda a repressão desfechada pelos patrões contra os operários era respaldada pelo governo que controla o aparato repressivo oficial (a polícia). Isso se justifica porque tanto os patrões como os membros do governo (Estado) compõem a mesma classe social: a burguesia.

Sendo assim, nesta fase inicial, os operários somente podiam contar com sua forma de luta. No entanto, ainda desorganizados, os operários promoviam lutas isoladas, ou seja, não havia unidade na luta em torno de suas reivindicações, que eram as mesmas em todos os lugares do país.

O principal instrumento de luta dos operários era a GREVE, que ocorreu, nesta primeira fase, nos grandes centros operários: Rio de Janeiro, São Paulo, Santos, Porto Alegre. As primeiras greves no Brasil foram: 1791, greve dos trabalhadores das Oficinas das Casas de Armas do Rio de Janeiro; 1815, greve dos pescadores do Recife; 1858, greve dos gráficos do Rio de Janeiro; 1877, greve dos carregadores de Santos; 1905, greve dos portuários de Santos, carregadores de café, em solidariedade aos operários russos em luta revolucionária; 1907, greve generalizada em São Paulo pelas 8 horas de trabalho; 1908, greve dos trabalhadores dos portos de Santos por 8 horas de trabalho (trabalhavam 18 horas por dia. Esta greve foi duramente reprimida, houve vários mortos entre os trabalhadores); 1917, greve geral em todo o Estado de São Paulo; 1917, greve generalizada em Recife e Rio de Janeiro (o governo decreta estado de sítio, proibição de manifestações e fechamento de sindicatos).

Como é possível notar, com as greves que ocorreram neste período, o método da ação direta utilizada contra os patrões ampliava o potencial dos trabalhadores, que unificados em torno de reivindicações econômicas, levavam o governo a proteger os patrões, isto é, sua riqueza, através da repressão armada,

com receio de uma insurreição das massas oprimidas contra seus opressores.

Contudo, em seu processo de desenvolvimento o movimento operário brasileiro foi influenciado por várias tendências políticas que não conseguiram avançar a luta revolucionária. Até a década de 30, três tendências conduziram a luta dos operários: a anarquista, a marxista e a católica, também conhecida como "amarela".

Inicialmente a tendência anarquista dirigiu o movimento operário contribuindo para a construção de suas instâncias representativas (sindicatos, federações, confederações, imprensa, comitês de luta). Apesar de utilizar o método da ação direta (greves, piquetes, manifestações de rua, etc) como forma de enfrentamento com os patrões e o governo e não aceitar a conciliação com forma de luta, errou ao considerar o sindicato como único instrumento de luta da classe operária. Desconsiderava a necessidade de construção de um Partido proletário.

Paulatinamente foi sendo substituída pela tendência marxista embrionária, influenciada pela Revolução Russa de 1917 que demonstrou concretamente a possibilidade da classe operária destruir a burguesia e o Estado burguês. O marxismo defende a necessidade de construção de um partido revolucionário que conduza a classe operária, com o seu próprio programa e em aliança com os camponeses e outros setores oprimidos da sociedade, rumo ao socialismo. A fundação do PCB em 1922, ampliou a presença da tendência marxista nos sindicatos tendo como objetivo organizar os operários para a revolução social no Brasil. Porém, com a ascensão de Stálin na URSS, o PCB, assim como todos os partidos comunistas do mundo, passaram a ser influenciados pelo reformismo stalinista (socialismo em um só país, revolução por etapas, coexistência pacífica entre os países comunistas e capitalistas). Isto influenciou sobremaneira os sindicatos de inspiração comunista, conduzindo-os ao abrandamento das lutas contra os burgueses e o governo. Lentamente substituiu o método de ação dire-

ta pela método de conciliação de classes (ilusão nas leis trabalhistas que não eram cumpridas, negociadas entre a cúpula dos sindicatos e os patrões).

Paralelamente, vinha sendo financiada pelos patrões a formação de um sindicalismo puramente conciliador, conhecido como "sindicalismo amarelo". Os patrões alertados pelo desenvolvimento da luta dos operários no mundo, inspirados pela Revolução Russa, trataram de se proteger comprando uma parcela das direções sindicais estratégicas (transportes e serviço público)

O Partido e sua Organização

Prosseguimos com a série de textos de formação escritos por Guilherme Lora iniciados no Massas n° 160.

Devemos lembrar que este livro foi editado em 1983, mas que seus capítulos apareceram anteriormente separados. De um modo geral, retrata o período da ditadura Garcia Meza (71) e o processo de abertura logo a seguir (77).

Este capítulo está inserido no segundo momento, em que o Partido tem se readequar organizativamente para aproveitar todos os espaços que o regime abre para ampliar seu trabalho com as massas e principalmente a captação da nova militância.

Aqui veremos como o POR encara o papel do Quadro no interior do partido.

Manual do Organizador Os Quadros Partidários (4ª. Parte)

Para nós, só é concebível o militante organizado na célula, isto devido aos nossos objetivos estratégicos. Existe uma inter-relação entre os quadros e as células. Os quadros bem formados constituem os eixos insubstituíveis para o bom funcionamento celular; por sua vez, somente no marco das células podem ser formados os quadros. Inutilmente pretendeu-se substituir o trabalho celular pela realização de duas ou três escolas de quadros, tentando substituir a prática diária necessária pela repetição de alguns textos.

O verdadeiro quadro porista é aquele que tem a capacidade suficiente para implementar um trabalho eficiente na célula. De uns tempos pra cá, se exige, sem êxito, que algumas células se convertam em modelos por seu funcionamento, a fim de que sirvam de ponto de referência a toda militância empenhada em se superar. Eficácia na direção da célula implica

para agirem a seu favor. Este tipo de sindicato, que originou o sindicalismo "pelego" soterrou a tendência de luta direta dos trabalhadores e proclamou o método de conciliação de classe como forma de luta próprio da classe operária.

Desta forma, a classe operária no Brasil, assim como no resto do mundo, foi baseada na tarefa histórica de destruir, através de seus métodos próprios, seu principal inimigo: a burguesia. Este objetivo foi bloqueado devido a traição promovida pelas direções do movimento operário e seus partidos, traindo assim os

na eficácia na condução de uma equipe de militantes no seio das massas.

Um quadro é o militante que assimile o programa do POR, que supõe o conhecimento do "Manifesto Comunista", fundamento básico de todo trabalho revolucionário, dos documentos dos quatro primeiros congressos da Internacional Comunista, das idéias/eixos que animaram a Oposição de Esquerda, do programa de Transição da IV Internacional.

O manejo dos elementos teóricos do método marxista deve permitir dar a resposta adequada aos diferentes problemas da luta de classe. Um quadro revolucionário deve pensar com sua própria cabeça; resolver os problemas da luta de classe significa concretizar e aplicar o programa do Partido. De outra forma, seria o total submetimento de forma mecânica do militante à toda-poderosa direção, sem quase nenhuma participação sua na vida partidária.

O quadro militante é um propagandista, capaz de transmitir as idéias e consignas partidárias para as massas. Orienta a discussão e a resposta que se deve dar aos problemas da classe. Sua capacidade teórica e política lhe permite cumprir esta tarefa e seu treinamento prático o habilita a expressar em letras de forma estas respostas e colocá-las nas mãos dos explorados. Torna-se um publicista porque pode confeccionar panfletos e livretos e imprimi-los, ao mesmo tempo em que forma equipes para toda esta rica atividade.

O quadro é o elemento chave do aparato organizativo, é um organizador por excelência.

Os quadros médios (direções regionais e celulares), com exclusão de uma minoria, são militantes que resumem em suas pessoas os organizadores, ativistas

princípios do marxismo revolucionário. Possibilitaram que o burguesia se armasse e desfechasse contra a classe operária violentas derrotas. No entanto, a luta da classe operária não terminou, pois seu principal inimigo continua vivo. É urgente que a classe operária retome seus métodos de luta contra a burguesia, mas para que isso ocorra é necessária também que a classe operária construa seu próprio partido, um partido verdadeiramente revolucionário e varra para sempre, do seio do movimento operário, as direções sindicais traidoras.

e propagandistas iniciados no manejo teórico. Sua formação precisa de tempo e treinamento prático. Manejam os fundamentos da política e teoria revolucionárias e sabem executar com perfeição os trabalhos práticos; também estão treinados para transmitir aos novos elementos todos os seus conhecimentos.

A célula deve ter pelo menos um quadro, que repetimos, constitui seu eixo fundamental. O verdadeiro quadro é aquele que trabalha sistematicamente não importa em que condições políticas; não merece este nome os militantes que são só ativos nas etapas de ascenso das massas e abandonam o trabalho quando se precipitam os períodos de depressão.

A elevação dos simpatizantes para a categoria de militantes é tarefa do quadro, atuando através da célula. Isto significa que sabe como educar os novos militantes, como iniciá-los na política e na teoria revolucionárias.

É o Partido, particularmente através da atividade celular, quem forma os quadros, ele lhes entrega os elementos básicos para sua superação como militantes. Esta educação dirigida pelo Partido (que na prática diária se faz através da célula) leva os militantes até o conhecimento dos elementos teóricos, a evolução posterior dos quadros, que podem levá-los a se converter em teóricos, isto será obra da auto-educação.

O quadro deve observar de forma severa a disciplina; tem de ser um militante modelo. Suas faltas são punidas com drasticidade e para ele já não haverá tolerância como pode haver para um novato ou um simpatizante. Leva-se em conta que o quadro saberá exigir de si mesmo um estrito cumprimento de suas obrigações antes de exigir dos demais.

Crise mundial capitalista

O temor da crise nos Estados Unidos

A evidência de que a desaceleração econômica na maior potência está em curso faz aumentar a discussão interburguesa sobre os rumos da economia mundial. Aumenta o temor de que os Estados Unidos, responsáveis por cerca de 30% da produção e comércio internacional, não consigam graduar sua recessão e mantê-la em um patamar que não afete profundamente o mercado global.

A esperança da burguesia se apóia na benevolência fiscal de Bush com os ricos, estimada em redução de impostos no valor de 1,6 trilhão de dólares, a ser atingido no prazo de alguns anos. A dívida está no fato de que a população devedora não terá ganhos suficientes para evitar inadimplência generalizada. Não por acaso, as administradoras de cartão de crédito exigiram do governo recém-eleito - que recebeu grandes "doações" para a campanha - que aprovasse uma lei proibitiva de falência do devedor individual. Também se verifica que bancos e financeiras bloqueiam empréstimos.

O PIB norte-americano cresceu a uns 4% durante anos, mas a custa de rebaixar a quase zero a poupança e aumentar o endividamento da população em nível assombroso. Esse patamar de consumo colocou a maior potência no alto frente a uma Europa oscilante e um Japão mergulhado na depressão. O governo Clinton pôde alcançar superávit fiscal e contornar a crise do endividamento do Estado. Sob essa guarda, a especulação correu solta, aumentada pela febre das "novas tecnologias".

A realidade econômica, entretanto, começou a revelar as contradições de base, ou seja, o choque entre as forças produtivas e as relações capitalistas de produção. Aquelas se encontram altamente potenciadas, mas não podem seguir sua expansão em um mercado mundial estreitado e internamente estufado pelo endividamento artificial da população.

As notícias mais recentes é de que as dificuldades do Japão, a segunda economia, não só não cederam mediante os

pacotes financeiros aplicados pelo governo como se agigantaram. A dívida estatal atingiu 130% do PIB e o 1 trilhão de dólares lançado para reanimar a economia não cumpriu o objetivo anunciado, a não ser para retardar a quebra de bancos que não têm como receber uma monumental dívida ("empréstimo padre").

Ao contrário dos Estados Unidos, a poupança interna japonesa é grande, mas as medidas de incentivo ao consumo não movem a população. Ocorre que o mercado interno deu o que poderia dar na década do chamado "milagre japonês". A dependência em relação ao mercado mundial coloca um Japão paralisado há uma década. O problema está em que esta mesma década corresponde à expansão interna dos Estados Unidos, grande importador dos produtos nipônicos.

Outros mercados fora da América do Norte também se encontram saturados. Se os Estados Unidos intensificarem a desaceleração, toda economia será afetada, o que atuará mais negativamente sobre os japoneses. Tudo indica que a Europa não poderá fazer "milagre" neste quadro. A maior possibilidade é que venha confluir os elementos para uma crise mais generalizada.

O ritmo não nos é possível determinar, uma vez que a burguesia acumulou capital no pós-guerra e que irá queimar parte dela para retardar uma quebra mais profunda. Mas são palpáveis os elementos desintegradores do capitalismo mundial, que expressam as contradições de base acima assinaladas e que caracterizam a crise histórica do capitalismo da fase última do imperialismo, como demonstrou Lenin de posse do método marxista.

Sabemos das conseqüências para as massas. A desintegração acaba por ser descarregada sobre os trabalhadores, sob a forma de desemprego, de achatamento salarial, destruição de serviços sociais etc. O anúncio constante de cortes maciços de postos de trabalho pelas multinacionais mostra a tendência do capital em esmagar as condições elementares de existência do proletariado.

O ataque à vida da classe operária e demais oprimidos, nas condições de crise, é parte da exploração do trabalho e funciona como proteção aos capitalistas, que não podem assimilar as quebras sem sacrificar os assalariados.

As "reformas" anunciadas por Bush prevêem privatizar a previdência e arrochar o salário dos aposentados. A saúde e educação públicas não ficarão isentas das medidas antipopulares.

Igualmente ocorre com a política externa das potências. Estas agem com violência contra as semicolônias (países capitalistas atrasados), impondo-lhes condições de mercado mais restritivas (protecionismo), inversamente lhes obrigando a abrir suas fronteiras, desnacionalizado setores lucrativos e estratégicos, apropriando-se de uma fatia maior da mais-valia interna (riqueza capitalista extraída da exploração). A burguesia imperialista descarrega a crise estrutural do capitalismo sobre as massas mundiais e sobre a maioria das nações atrasadas.

O projeto da Alca se insere nesta dinâmica de proteção dos monopólios industriais, comerciais e financeiros, concentrados e centralizados nas mãos da burguesia imperialista. São recursos para retardar a generalização da crise, perigosa para a burguesia não só porque quebra parte do capital mas fundamentalmente porque obriga as massas se valerem da luta de classe.

O acompanhamento da evolução da crise tem importância para a vanguarda revolucionária que tem a tarefa de organizar o movimento instintivo dos explorados. A desintegração do capitalismo põe na ordem do dia defender fundo a vida dos trabalhadores. A luta direta, de massa, com os métodos da luta de classe, pelas reivindicações elementares (salário, emprego), permite ao proletariado se organizar e compreender através da construção do partido a necessidade da revolução social. A estratégia do proletariado é da expropriação do grande capital e sua transformação em propriedade coletiva (socialista).